

Redacção e administração  
R. de S. Martinho

AVEIRO

# POVO DE AVEIRO

## SEMANARIO REPUBLICANO

Oficina de impressão  
R. de S. Martinho, AVEIRO,

EDITOR, Manuel Homem Christo



Número 254

AVEIRO—Um anno, 1\$200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1\$300. Semestre 650 réis. Brazil e África, anno 2\$500. Semestre, 1\$500 réis (fortes).

PAGAMENTO ADIANTADO

PÚBLICA-SE AOS DOMINGOS

**Publicações**

No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato. Os srs. assinantes tem desconto de 30 por cento.

NUMERO AVULSO, 30 REIS

5.º Anno

## A QUESTÃO CLERICAL

### As Congregações em França

Das leis de carácter revolucionário resultou a ruina da democracia?

Resultou o triunfo da Egreja?

Resultou a guerra religiosa?

Ou, pelo contrario, o poder civil foi, com ellas, mais forte, mais respeitado, mais acatado por todas as seitas, por todos os cultos, do que nunca?

A estas perguntas prometemos responder hoje. No entanto, parece-nos mais methodico voltar a traz, à *Egreja Nacional*, à *Egreja Liberal*, que o sr. Bernardino Machado defende como uma conquista republicana.

Como vimos, Aulard, escriptor auctorissimo, no seu livro *La Révolution Française et les Congrégations*, atribue a ruptura definitiva entre a Egreja e a Revolução, a guerra civil, a guerra estrangeira, as violencias, as desgraças, o aborto parcial da Revolução, principalmente ás tentativas dos republicanos para a constituição d'uma Egreja nacional e liberal. Se lermos a obra magnifica de Debidoir, a melhor que no genero existe, *Histoire des rapports de l'Eglise et de l'Etat en France de 1789 a 1870*, não nos ficam duvidas nenhuma sobre a verdade das afirmações feitas por Aulard.

Não basta dizer-se que queremos muito ao culto católico porque foi o de nossos pais e é o de quasi todas as nossas mulheres. É preciso irmos á historia, estuda-la, medita-la—sem querermos insinuar com isto, de modo algum, que o sr. Bernardino Machado, cuja erudição todos admiram, a não conheça—e ella nos dirá que esse culto católico, a que todos queremos muito, foi sempre o maior estorvo da liberdade, o mais encarniçado e fatal inimigo da democracia.

Foi a causa capital da decadência dos povos latinos, e, em especial, da decadência da Península.

Deixemo-nos de criminosas transições. Essas transições—nós o iremos demonstrando—é que tem sido o grande embaraço que o progresso tem encontrado em toda a parte.

Ha um resumo da obra de Debidoir, por Dubois e Sarthou, muito bem feito, e que nós recomendamos a todos que não poderem comprar a *Histoire des rapports de l'Eglise et de l'Etat*, ou que não tiverem tempo e paciencia para a ler. Obras volumosas só as lê quem tem habitos de trabalho, verdadeiro amor ao estudo, e dinheiro—porque custam caras—para as comprar. Por isso recomendamos, a quem ainda o não conhecer, o resumo em questão, pequenino volume da *Bibliothèque Utile*, ao alcance de todos. E por elle nos vamos guiar, no que hoje temos a dizer.

A 6 de fevereiro de 1790, a *Assembléa Nacional* encarregou o seu comité eclesiástico de preparar a reorganização da Egreja de França. O comité pôz mãos á obra imediatamente. Mas o papa, cruelmente ferido com os golpes dados pela *Assembléa* no predominio do culto católico, atacou vivamente a Revolução, na allocução consistorial

de 29 de março de 1790, apontando como obras do diabo, não só o estabelecimento da liberdade de consciencia, a supressão dos privilegios eclesiásticos, a confiscação dos bens do clero, a abolição das ordens monasticas, mas ainda a substituição do absolutismo pela soberania nacional, a proclamação de igualdade perante a lei e a admissão de todos os cidadãos aos empregos publicos.

Os bispos e seus satellites, assim animados com o exemplo de Roma, empregaram todos os meios para atiçar em França a guerra civil. Era sobretudo ás populações exaltadas do sul, ás populações misticas de oeste, que dirigiam os seus appellos incendiarios. As procissões, as peregrinações multiplicavam-se e tornavam-se verdadeiras provocações á revolta. A religião era apontada ás multidões como perseguida, comprometida, perdida. Exhibia-se nas egrejas, coberto de crepe, o busto de Luiz XVI, a quem se chamava já o rei martyr. As estatutas da Virgem choravam e os Christos de pau abanavam a cabeça em sinal de dor. Formavam-se confrarias que, sob a direcção dos nobres e dos padres, só esperavam um signal para se transformarem em batalhões.

Ao mesmo tempo, resuscitavam-se contra o protestantismo os velhos odios da Liga. E em Montauban, em Nimes e n'outros pontos houve verdadeiras batalhas nas ruas. A *Assembléa*, inquieta com estes factos, discutiu apressadamente e votou a *Constituição Civil do Clero*. E assim ficou constituída a *Egreja Nacional*, a *Egreja de França*, que a *Assembléa* ingenuamente imaginou viver d'ahi em deante em perfeita harmonia com a liberdade. A 14 de julho de 1790, a grande festa da Federação, celebrada solemnemente no Campo de Marte, ofereceu um espectáculo singular e commovente. Sobre o altar da patria, á face do céo, em presença do rei, dos deputados do paiz, dos delegados de todas as guardas nacionaes da França, o bispo de Autun, Tallyrand, cercado de trezentos padres com a banda tricolor, emblema da França nova, sobre os habitos sacerdotais, celebrou missa e invocou a benção de Deus para a obra constitucional da Revolução. Pareceu, por um instante, que o antigo regimen e o episcopado abdicavam das suas aspirações e dos seus rancores para fraternisarem sinceramente com o povo.

Ingenuidade! Mera e curta ilusão! Logo no dia seguinte a guerra contra a constituição civil se reacendeu mais ardente do que nunca. Nos fins de outubro de 1790, os bispos, sob a epígrafe *Exposição de princípios sobre a constituição civil do clero*, publicavam um manifesto que continha, com a refutação em regra das theorias que a *Assembléa* acabava de converter em lei, uma provocação á desobediencia, em nome da orthodoxia e dos direitos da consciencia. Em poucos dias, 97 membros eclesiásticos da *Assembléa* aderiram a esse manifesto.

A 25 de novembro, a *Assembléa* respondeu com um decreto, obrigando ao juramento constitucional não só os futuros funcionários eclesiásticos, mas tambem os bispos e os curas em exercicio n'aquelle instante, sob pena de perderem os seus cargos.

A *Assembléa* votou ainda que aquelles dos seus membros, que

fossem eclesiásticos, prestariam o juramento deante d'ella. Os prelados negaram-se a isso com arreganho. Ou por solidariedade, ou por falsa vergonha, grande numero de parochos os imitaram. E começou um movimento reaccionario que atingiu o baixo clero, o qual correu a enfileirar-se ao lado dos seus chefes no partido da contra-revolução. Um terço, sómente, dos membros eclesiásticos da *Assembléa*, consentiu em prestar juramento. Mais de metade dos parochos de França seguiram o exemplo da enorme maioria dos prelados. D'estes, só 5 toparam o compromisso de jurar.

A *Assembléa* decidiu então substituir, sem demora, os padres que tinham negado ao juramento; e, dias depois, para pôr termo ás incitações á revolta lançadas do pulpite abaixo, prohibiu os sermões.

A eleição dos eclesiásticos, feita em virtude da nova lei, realizou-se por toda a parte no meio d'uma agitação extraordinaria. A 10 de março de 1791, o papa dirigiu aos bispos um breve, em que stigmatizava a constituição civil, como contraria ao ensino da fé e á disciplina da egreja, e em que assignalava, de novo, como impios, os principios da Revolução. Os bispos responderam que não havia conciliação possível entre elles e a *Assembléa* e que continuariam a resistir á constituição civil.

A 13 de abril, Pio VI dirigiu um outro breve ao clero e ao povo francêz fulminando a constituição civil e seus autores. Declarava essa lei heretica e scismatica, considerava nullas todas as eleições feitas, ou que viessem a fazer-se em nome d'ella, e dava 40 dias aos padres juramentados para retratarem o juramento, sem o que ser-lhe-hiam retiradas todas as ordens eclesiásticas.

Era a guerra, declarada pelo chefe da Egreja á Revolução e á França nova.

A *Assembléa* quiz entrar em negociações com o papa. O papa recusou receber o embaixador francêz e chamou a Roma (30 de maio) o nuncio apostolico em Paris.

Não ficou sem resposta. A 9 de junho a *Assembléa* prohibia expressamente, sob penas graves, a publicação de todo e qualquer breve, bullia, rescrift, etc., da corte de Roma, a não ser que tivessem sido apresentados ao corpo legislativo, vistos e verificados por elle e a sua publicação autorizada por decreto. Mas n'esse momento já a guerra religiosa se alastrava furiosa por toda a França. A constituição civil era violada abertamente. Os breves do papa, que circulavam apesar da lei, e os mandamentos dos antigos bispos, semeavam a discordia por toda a parte. Numerosos parochos ajuramentados se retratavam. Os que se tinham recusado a jurar, persistiam em se conservar nas suas parochias e a ensinar ahi doutrinas incendiárias.

O mesmo que aconteceria entre nós com a tal *Egreja Nacional*, separada de Roma, que o sr. Bernardino Machado, sem o mimimo protesto, antes com pleno assentimento, de toda a imprensa republicana, que nada sabe, nada estuda, nada quer saber nem estudar, vae inscrever no novo programma do partido revolucionario.

E não é tudo. O melhor, o mais grave, havemos nós de ver no numero seguinte.

## ELEIÇÕES

Já foi publicada a lista dos candidatos republicanos. Comprende-se d'estes nomes: Bernardino Machado, Affonso Costa, Manuel d'Arriaga, Antonio José d'Almeida e Paulo Falcão. O diabo! E dizemos o diabo porque d'ella se vê perfeitamente que não foi possível um acordo entre os que querem o sr. Bernardino Machado para chefe supremo e exclusivo do partido republicano e os que o não querem. Entre os que defendem o predominio dos elementos da *Maçonaria* e os que o combatem. Entre os que são partidários da eleição e os que o não são.

De forma que se prevê perfeitamente que a scisão no partido republicano vai, passadas as eleições, ser mais profunda do que nunca.

Sinceramente o lamentamos. Como toda a gente o tem visto, apesar do *Povo de Aveiro* manter a sua independencia, conservando-se afastado de todas as *coteries*, o nosso desejo, que nunca deixámos de manifestar, foi, desde o principio, vêr constituir-se um disciplinado e forte partido republicano. Nada queríamos d'elle e d'elle nos conservaríamos afastado. Mas achavamo-lo, e achamos, necessário aos interesses da patria e da democracia.

Nada se fez. Nada se fará. Já se vê que foram baldados e perdidos todos os esforços, e que nos arriscamos, até, a ficar peor do que estávamos.

Fieis ao nosso propósito de auxiliar, mantendo o nosso desejo de que o partido republicano saia com o maior brilho possível das suas emprezas, novamente recomendamos a todos que votem a lista indicada. Haveria na organização d'essa lista manifestas injustiças, se não fosse o desacordo de que estamos falando. N'ella foram esquecidos os nomes de velhos servidores da causa democrática, que pela Republica teem, de velha data, sofrido e luctado, homens de grande e incontestável prestígio intelectual e moral. No partido republicano não pôde haver dynastias, nem predilecções de *coteries*. Só pôde haver, só deve haver, verdade, equidade, justiça. E essa lista, se fosse formulada em condições normaes, conteria algumas injustiças, flagrantes e revoltantes. E' possível, porém, e dizemos possível porque não estamos, nem queremos estar, no segredo dos deuses—que os homens a que nos estamos referindo fossem consultados e não quizessem aceder. E' possível. E' provável, até. Na lista é manifesta, vê-se nitidamente, a influencia dos elementos de Lisboa, Porto

e Coimbra, favoraveis á chefatura suprema e exclusiva do sr. Bernardino Machado, portanto partidários da eleição, com exclusão absoluta dos outros elementos, que são importantes no Porto, ao que se diz.

Não se veja n'isto a minima insinuação. Já manifestámos, abertamente, a nossa profunda sympathia pelo sr. Bernardino Machado. Falamos assim, porque, com a nossa independencia e a nossa tradição, entendemos que é um dever falar claro. Falamos claro, simplesmente.

Haveria, pois, na lista, que parece destinada a recolher os suffragios republicanos de todo o paiz,—e n'esta hypothese vimos escrevendo—flagrantes e revoltantes injustiças, se tivesse sido escolhida em condições normaes. Como não o foi, não vale a pena discuti-la. Vota-se, e eis tudo.

Muitos republicanos contam com os votos dos francaceos, em alguns pontos do paiz, e d'outros figurões que costumam especular com a republica. Pois embora d'esses especuladores venham alguns votos para a lista republicana, se os republicanos a abandonarem e não forem á urna, verão que o resultado é desastroso.

E' melhor, pois, que os republicanos contem muito mais consigo proprios do que com os outros.

Não deixem d'ir á urna.

## TRIGOS

Quando *O Debote*, sexta-feira, nos chegou á mão, já quasi todos os artigos destinados a este semanario estavam escriptos e compostos.

Eis porque só no proximo domingo podermos continuar a palestra encetada com *Um Lavrador*, e para nós tão agradavel.

Domingo, pois.

## O analphabetismo

NO EXERCITO

O que se passa na Italia já nós vimos, aqui, pelos artigos do *Debate*, transcriptos ha mezes. Aquelle nosso prezado collega, traduzindo um bello artigo da excellente revista italiana *L'Italia Moderna* publicado no n.º 10, fasciculo de novembro de 1903, da mesma revista, sob o titulo *L'analfabetismo nell'esercito e nel paese—La scuola della nazione*, demonstrou que houve um periodo em que o analphabetismo diminuiu consideravelmente na Italia, que foi aquelle em que os officiaes e sargentos se resolveram a ministrar o ensino das primeiras letras por companhias, escrevendo o auctor do artigo, na mencionada revista, que era indispensavel que os officiaes do exercito italiano voltassem á mesma tarefa, se a Italia queria resolver definitivamente e depressa o grave problema do analphabetismo.

Não é pois vergonha em parte nenhuma, senão em Portugal, ensi-

nar o A B C aos soldados, na caserna !

Note-se que em Portugal, como já vimos, seguindo-se o princípio do ensino por companhias, tal qual o advoga e pratica o capitão Homem Christo, a instrução litteraria não se limita ao analphabeto. Estende-se até esse que o general Jourdy chama, em França, o meio analphabeto, que é aquelle que pouco aprendeu na escola, ou que, aos 20 anos, está muito esquecido d'aquilo que lhe ensinaram em creança.

O general Jourdy horrorisa-se, porque, nos regimentos franceses, aparecem 5 por 100 de analphabetos, e 5 por 100 de meios analphabetos. Nos regimentos portugueses aparecem 80 por 100 de analphabetos—a percentagem geral do analphabetismo no paiz, pelos documentos officiaes, ainda é superior a essa—e 15 pôr 100, seguramente, de meios analphabetos. São raros, raríssimos os homens, raríssimos!—ouçam bem aquelles que dão importância a estas coisas, que poucos são,—raríssimos os que aparecem nos regimentos sabendo ler, escrever e contar correntemente. Mas não faltam sábios a proclamar, com entono, que isto é uma raça perdida, uma raça liquidada, uma raça que não dá nada! Mas não faltam puritanos e patriotas a berrar que quem tem a culpa do estado do paiz é o povo, indiferente de tanto de tudo.

Que querem elles, os idiotas, que dê uma raça embrutecida a este ponto? Uma raça que vegeta na ignorância dos animaes? O que querem elles que façam o povo, o pobre bruto, que não chega a distinguir, com consciencia, a sua mão direita da sua mão esquerda?

O capitão Homem Christo encontrou na sua companhia, e lá os tem, e conheceu em outras companhias do regimento de infantaria 23, operarios de Coimbra analphabetos, e outros meio analphabetos, lendo mal, escrevendo mal, contando mal, sem noções nenhuma da organização da sociedade portuguesa. De Coimbra, que passa por ser a terra mais culta de Portugal!

Não sabemos se algum d'elles era socialista, ou partidario da grande emancipação humana. E' possível que o fosse. E' possível que o seja. O que podemos garantir é que nenhum d'elles tinha a menor idéa d'essas coisas, por isso mesmo que ignoravam tudo. E podemos garantir ainda mais. E' que ao menos lá, no regimento, aprenderam a ler, a escrever, e a contar alguma coisa; aprenderam a conhecer, pouco ou muito, o seu paiz; o que não impedirá de virem cá para fóra fazer céo com os imbecis que apontam os officiaes como tyrannos e a caserna como um antro de torpezas e de vícios.

A raça portuguesa será esteril, será inferior, estará exgottada, estará liquidada. Nem por isso deixa de ser imbecil a afirmação. Para que o não fosse, seria preciso que a experiência se fizesse sobre uma multidão instruida, cultivada, educada, e não sobre uma massa ignorante, que mal se eleva acima do burro ou do porco.

O povo portuguez será incapaz de liberdade, de tino, de patriotismo, de boa administração. Nem por isso deixa de ser estupido ou torpe aquelle que, no estado de perfeita animalidade em que esse povo vive, cego, surdo, mudo, peado, não sabendo ver, nem ouvir, nem falar, nem andar, ousa exigir-lhe, ousa tomar-lhe, ousa fazer recalhar sobre elle, a responsabilidade da administração publica.

Insensatos, imbecis! Comtudo, são esses homens, encolhidos n'um pessimismo doentio, que á sombra da sua auctoridade de sábios, de litteratos, de estadistas, levam o desanimo aos poucos que ainda seriam capazes de trabalhar e produzir. Comtudo, são elles os que cospe desdens sobre os poucos capazes d'un esforço em prol d'esta terra infeliz, os que lhes semeiam o caminho d'embarcações e dificuldades de toda a ordem.

Nem só o exercito, na sua maioria, tem mostrado indifferença, ou

má vontade, contra esse enorme serviço de ensinar o analphabeto, e o meio analphabeto, que todos os annos vão pejar os regimentos, fazendo d'elles bons soldados e excelentes cidadãos. Nem só o exercito, que, no fim de contas, não pôde ser mais nem menos do que a sociedade a que pertence. Também a imprensa, de todas as cōres politicas, a imprensa, que é o cadinho do valor moral e intellectual d'un povo. Não faltaram jornaes a combater esse processo economico e práctico de diminuir o analphabetismo em Portugal. E os poucos que o aplaudiram, só o fizeram... a pedido! D'outra forma não sahiriam do labôr olympico de discutir a pessoa do José Luciano, do João Franco, do José d'Alpoim ou do Hintze, e das intrigas vergonhosas das *colerias* abjectas, que a isso se resume todo o jornalismo em Portugal.

E voltaremos a este assumpto que, ao menos para nós, é interessante.

### BAZAR

Tem hoje logar no jardim publico a continuaçao do bazar que a Direcção da Sociedade Recreio Artístico promoveu em favor da sua caixa de socorros.

A' noite haverá arremataçao de algumas prendas de valôr entre elles as de suas magestades.

### Contribuições

Termina no fim do corrente mez o prazo para o pagamento da contribuição de renda de casas do 1.º semestre do corrente anno.

Os contribuintes que não satisfizerem ficam sujeitos ao pagamento dos adicionaes e em tempo competente a relaxe com sellos e custas do processo.

Durante o mez de julho está a pagamento a 2.º prestação da contribuição predial e industrial.

As participações dos senhorios devem ser entregues até ao dia 17 do corrente, a fim de não ficarem responsáveis pelas decimas de renda de casa.

### O TABACO

Fuma a dama aristocrática, escrevia ha dias, de Paris, para o *Diario de Notícias*, o correspondente d'este jornal. Fuma a mulher da alta burguesia. E dá-nos o nome de varias d'essas damas, que se entregam ao fumo com prazer.

Não é novidade. Também as ha em Portugal. Quando eu era rapaz conhei-as a fumar na Travessa da Palha, na Rua da Prata, na Rua Larga de S. Roque, em Lisboa, e noutras ruas conhecidas das melhores cidades do paiz. Já fumavam no tempo de meu pae e no tempo de meu avô. Com a diferença que nesse tempo não se chamavam príncipes. Ou, antes, as príncipes não se chamavam *elles*. Agora, desde que se iniciou a epocha de *la faillite des trônes*, tudo se democratizou, como escreve o bom do correspondente do *Diario de Notícias*. *Elles* são príncipes e as príncipes são *elles*. Tudo se democratizou, isto é tudo perdeu a vergonha, sem exclusão do bom do correspondente do *Diario de Notícias*, que n'outras epochas teria pejo de incitar ao vicio fazendo a apologia do vicio, ou considerando-o, pelo menos, uma nota de bom tom. Fuma a imperatriz de tal e a príncipe de tal. E' chic fumar. Assim o diz o correspondente do *Diario de Notícias*, jornal de grande auctoridade e de grande circulação. Tanto basta para que d'aqui a dois dias não haja mulher que não fume em Portugal, porque nesse paiz de pelintras não ha homem que se não julgue fadado para ser príncipe, nem mulher que se não considere capaz de ser rainha. E nós ficaremos devendo mais esse bom serviço á imprensa dos dez reis, que assoalha todas as indignidades, todos os escandalos, todas as porcarias, exactamente porque é a porcaria aquillo que mais rende entre nós.

O tabaco é um grande veneno. E' um dos mais poderosos agentes

de degenerescencia phisica, portanto de degenerescencia intellectual ou moral. Mas dizer isto seria pifio. Não ha *philosopho d'agua d'oce* que o não diga. Dizer isso não tem interesse para o publico, este admirável publico portuguez, que só gosta de lér descripções e noticias de grandes crimes, de grandes debouches, de grandes sensações. Diga-se, portanto, que todas as mulheres do estrangeiro, todas as mulheres elegantes, é claro, fumam hoje como *damnadas*. Não havendo em Portugal mulher que não seja elegante, o *Diario de Notícias* foi n'esse dia, sem duvida, aanciosamente procurado por todas as femeas, desde Melgaço até ao cabo de Santa Maria. E havemos de ver que não tardam, todas, de cigarro ao canto da boeira.

Tudo se democratizou. Pois não? Tudo perdeu a vergonha. *Democratizou-se* a princeza Luiza de Coburgo quando se tornou amante publica do tenente Matassavith. *Democratizou-se* a princeza de Saxe quando se tornou amante publica de André Giron. E assim por deante. Dantes, quando o movimento republicano apareceu em Portugal, não havia bebedo que não desse *vivas à republica*. Agora vê-se, segundo o bom do correspondente do *Diario de Notícias*, que não ha dama nenhuma d'alto tom que se não torne *democrata* quando se faz *pandega*.

São unicos, a maior parte d'estes escrevedores de jornaes em Portugal! O tabaco, como se sabe, é prejudicialissimo. Fonssaglres dizia d'elle que mata a memoria e embrutece a intelligencia. Para Jolly o augmento do consumo do tabaco coincidia com o augmento do numero dos alienados. Gox demonstrou que as doenças nervosas eram extremamente communs nos manipuladores de tabacos d'ambos os sexos. Gelineau, Beau, Peter, Leroy de Méricourt e muitos outros medicos, citaram numerosos casos graves de doença produzidos pelo abuso do tabaco.

O doutor Levillain, no seu livro *Hygiène des Gens Nerveux*, trata os fumadores com relativa benignidade. No entanto, diz:

«O tabaco, na sua qualidade de excitante sensacional, pelas sensações olfactiva e gustativa que desenvolve, é já, n'este ponto de vista, um elemento de fatiga e de exgottamento do sistema nervoso. Se ajuntarmos, a sua primeira accão puramente dynamica, a accão chimica do alcaloide toxicó que elle contem, a nicotina, não será difícil explicar os funestos efeitos que produz, em certos casos, o simples uso, e, em outros, o abuso da planta de Nicot. E' um facto de notoriedade universal que as pessoas, que fazem uso do tabaco pela primeira vez, experimentam symptomas de um envenenamento mais ou menos grave. Vem o costume, é certo. Mas o costume da morfina não prova que a accão toxicica não continue a produzir-se.

As experiencias dos physiologistas teem estabelecido que o tabaco e a nicotina, em altas doses, produzem uma verdadeira contração de músculos; mas, antes d'isso, observa-se o *tremor*. E' este um dos primeiros phenomenos que occasiona o fumo do tabaco, bem como uma titubeação dos membros inferiores e uma certa falta de habilidade de mãos. A vertigem é um accidente muito frequente do abuso do tabaco e muitas vezes se produzem *cephalagias*. Pelo lado da vista, os medicos oculistas teem assinalado um *enfraquecimento considerável da vista* ao qual teem dado o nome especial de *amblyopia nicotinica*. Pelo lado da circulação, teem-se observado accidentes verdadeiramente graves e muito frequentes: umas vezes intermitencias de pulso, com palpitações e dôres precordiaes, sem, contudo, haver lesão do orgão; outras vezes, e isto sobretudo, a *angina de peito* com todos os seus symptomas assustadores e dolorosos.

Muitos medicos teem notado a accão deprimente do tabaco sobre as funcções genericas; tem-se visto grandes fumadores chegar a um estado de impotencia absoluta e recuperar promptamente a virilidade depois de renunciarem aos prazeres do fumo.

Emfim, resta a questão, sempre pendente, da accão do tabaco sobre os phenomenos da intelligencia. Uns negam-na. Outros exageram-na. Mas não ha duvida nenhuma que o abuso do tabaco, ou o seu uso prematuro, podem arrastar graves consequencias sob o ponto de vista cerebral. No que toca á memoria, por exemplo, todos os observadores estão d'accordo: «O tabaco enfraquece a memoria e diminui o poder d'attenção». Nas jovens intelligencias, principalmente, o tabaquismo é particularmente prejudicial. Teem-se observado creanças

que, depois de darem provas d'uma gran-

### Cartas d'Algures

17 DE JUNHO.

A hora em que escrevo esta carta não se sabe ainda o resultado das grandes batalhas, navaes e terrestres, travadas entre russos e japonezes. Digo grandes batalhas em tom de duvida, porque não se pôde dar credito a tantos boatos que, dia a dia, surgem nos jornaes, muitos falsos, os outros quasi todos exageradissimos, como os factos teem demonstrado. Está, realmente, travada alguma batalha em redor de Porto Arthur? Parece que sim. Não só é crivel como é muito provavel. Grande batalha? Não sei. Não tenho ouvido falar, até hoje, senão em grandes batalhas, e grande batalha, verdadeiramente, ainda não houve nenhuma. Combates de manifesta importancia, sim. Grande batalha, não.

Será agora? A esquadra russa ficará inutilizada? Porto Arthur será levada de assalto? Talvez. Mas esperemos os acontecimentos, e deixemo-nos de prophecias, que é o mais seguro.

As prophecias são sempre falsoveis, e os commentarios sempre apaixonados por causa dos partidos. Em rebentando uma grande guerra, formam-se logo partidos no grande publico. Uns querem que vença este, outros querem que vença aquelle. E estão, todos, promptos sempre a acreditar o que se diz e o que lhes parece mais favoravel á causa que os apaixona. Os jornalistas partidarios do Japão, dão como certo e fatal o anniquilamento da Russia. Os que são partidarios da Russia, não se atrevem a avançar o mesmo em relação ao Japão, mas torcem a verdade quando pôde. De maneira que difficilmente se encontra uma opinião imparcial e segura.

Também nós a não teremos. O que eu posso, todavia, afiançar, é que nem sou partidario da Russia, nem partidario do Japão. Sympathiso com os japonezes por um lado, sympathiso com os russos pelo outro. E quanto a razão para fazer a guerra, nenhum d'elles a tem. Ambos os paizes obedecem ao espirito de conquista.

Mas a Asia é dos asiaticos, dizem alguns. Ora adeus. A Asia, como a America, como a Europa, é de quem a conquista. Assim foi, e assim continua a ser. Se amanhã o Japão e a China puderem conquistar a Europa, ficam certos de que não deixarão de o fazer porque se lhes grite de cá que a Europa é dos europeus.

Fiquem certos d'isso. Infelizmente, estamos longe ainda do regimen do direito. A Russia quer um bocado da China. O Japão quer a China toda. E enguliria, ainda por cima, a Russia d'uma vez, se podesse. Mesmo convencidissimo de que viria a morrer de indigestão.

Não sou, pois, apaixonado por uns, nem por outros. Mas nem assim posso fazer affirmações seguras. Vencerão os russos? Vencerão os japonezes? Ninguem sabe. Por enquanto levam os japonezes a melhor. Mas o futuro a Deus pertence.

Quando toda a gente se ria do Japão pelo seu atrevimento, e o

de facilidade e d'uma grande actividade de trabalho, se tornam indolentes, preguiçosos e incapazes quando adquirem o habito de fumar. As interessantes estatisticas de Bertillon demonstram que as escolas e nos lycées os grandes fumadores são os peores alumnos. E' além d'isso certo que a accão do tabaco é fisicamente e chimicamente excitante. Não é pois de admirar que o abuso d'essas excitações repetidas tenha por consequencia o exgottamento, de qualquer modo o abastardamento do sistema nervoso. E estes resultados muito mais se accentuam em individuos predispostos pela nevrose a esse novo genero de surmenage pelo tabaco.»

Imaginem, depois d'isto, as hystericas a fumar!

E então n'um paiz, como o nosso, onde existe o verdadeiro *reinado das mulheres*, desde a do *tenor* até à do *trombone*.

Que horror!

E ainda aquelle figurão do correspondente do *Diario de Notícias* as vem meter em brios, apontando-lhe o exemplo da princeza Thyra, da princeza Henrique da Prusia, da imperatriz d'Austria, da rainha de Hispania, da condessa de Paris, da rainha da Roumania, da condessa de Castellane, da duqueza de Uzés, etc.

Porque não spontaria o bom do homem exemplos de casa, se os temos por cá d'alto cothurno?

O que se vê é que ha uma peste peor ainda que a do tabaco e uma praga mais damninha que as mulheres dos tenores e dos trombones: é a peste, é a praga dos escrevedores sem sciencia e sem consciencia.

E' a peor de Portugal.

### Musica no Jardim

O programma que a banda do 24 toca hoje, das 7 ás 9 da noite, no jardim publico, é o seguinte:

Ordinario. «Sourire de avril». Walsa. (Depret). «Flôr campesina». Ouverture. (Reis). «Musica classica». Zarzuela. (Chapi). «L'arlesienne». Selection (Bizet). «Rigoletto». Fantasia da opera. (Verdi). «Devaneios campestres». Fout-pourri. (Moraes).

### Escalamento e roubo.—Descoberta dos seus auctores

Na sexta-feira, 10 do corrente, pelas quatro e meia horas da madrugada, penetraram os larpios na habitação de Antonio Francisco Netto, casado, padeiro, morador no logar da Quinta do Picado, e roubaram-lhe d'uma gaveta que arrombaram, importancia superior a reis 70:000 e um anel de oiro avaliado 1:800 reis. Os donos do predio achavam-se ausentes n'esta cidade, onde vem fazer a venda do pão que fabricam, e os larpios sabedores d'isto escalaram á vontade o muro que vedava a propriedade, a porta das trazeiras da casa e finalmente as gavetas onde o Netto tinha arrecadado os magros cobres que representavam o producto do seu trabalho e a importacia com que haviam de amortizar as suas compras de farinhas. Felizmente os individuos sobre quem recahem as suspeitas já se acham presos no commissariado de polícia.

### Curioso processo

Está sendo julgado perante o tribunal civil de Napolis um curioso processo movido contra o Papa Pio X. Trata-se, nada menos, nada mais, de uma herança de cerca de trezentas mil liras deixada ao Pontifice Leão XIII por um abade, falecido durante a molestia d'este ultimo Papa. Ora, tendo morrido Leão XIII sem ter entrado na posse de tal herança, os parentes do abade contestam a Pio X o direito de herdar do seu predecessor, visto que elle representa um novo Pontifice que não está ligado ao precedente por qualquer laço de parentesco. Demais, argumentam elles, o abade, no seu testamento, fala de Leão XIII de uma maneira completamente nominal. A sentença é esperada com certa curiosidade.

«POVO DE AVEIRO»  
Em Lisboa, vende-se na tabacaria Monaco.

dava como fatalmente esmagado, escrevia eu aqui: é possível, é, que o esmaguem, é provável mesmo; mas o Japão, se fôr esmagado, é pelo número, só pelo número, e mais nada.

Se não foram estas as palavras que eu empreguei, foram outras equivalentes. O sentido era o mesmo.

Hoje digo o que disse. Em condições iguais, ou proximamente iguais, os japoneses vencerão os russos, porque são muito mais instruídos, muito mais habeis, muito mais intelligentes, tomando aqui a intelligence pela cultura do espírito. Sabem o que fazem. E os russos não sabem. E' essa uma grande força. Força extraordinária.

Mas a Russia é muito teimosa e possue largos recursos. Ha quem compare a sua situação à da França em 1870. Tenho lido isso mais do que uma vez. Asneira grossa, porque não ha paridade nenhuma. Os partidários do Japão, que triplicaram desde que elle começou a vencer—o mundo é assim, vae sempre atras do sucesso—ficam muito passados quando eu, em conversa, lhe digo isto. A's vezes consultam-me. E eu digo sempre a mesma coisa.

Asneira grossa. A França tinha o inimigo dentro de casa, inimigo que a esmagou logo ás primeiras batalhas,—essas é que foram grandes batalhas—iutilizando-lhe o exercito e abrindo as portas de Paris. A Russia tem o inimigo muito longe e tem, pôde-se dizer, o seu exercito intacto. Pôde o Japão tomar Porto Arthur, pôde destruir-lhe a esquadra, que ella fica onde está, com outra esquadra e outro grande exercito ás ordens. E' difícil a desfaz? E'. Não ha duvida. Mas não impossível.

E essas dificuldades foram previstas, pelos mais illustres officiaes do exercito e da marinha russa, desde o principio. Muitos d'elles foram de opinião, desde logo, que se abandonasse Porto Arthur. Não era uma perda tão irreparável que elles não a previssim e antecipassem, sem por isso desistirem de combater os japoneses.

Todos elles declararam sempre que só em julho os russos teriam exercito suficiente para tomar a offensiva.

Se Porto Arthur resiste, a situação não só não é perdida para os russos como lhe dá muitas probabilidades de triumpho. Se não resiste, é difícil, incontestavelmente, mas seria avançar muito considera-la irremediavelmente perdida.

E' possível, pois, que o Japão triunphe definitivamente. Muito possível. Mas também é possível que a Russia, com todos os desastres, possa acumular as suas forças, que são muitas, a tempo de tirar uma séria desfaz.

Se o Japão pisasse o territorio russo, e podesse descarregar golpes sobre golpes até S. Petersburgo, então sim, estava a Russia, como a França em 1870, irremediavelmente aniquilada. Mas perdida a esquadra, perdido Porto Arthur, perdida a Mandchuria, fica ainda a Russia, a Russia intacta, a Russia poderosa, por mais que digam, e a Russia teimosa. Sim, teimosa. Esta consideração não é das menos importantes. E a Russia teimosa ha-de procurar tirar a desfaz atraevez de tudo, ou a Revolução rebente e derribe a autocracia, ou não rebente, e tem necessidade imperiosa de a tomar.

Nunca se deviam esquecer d'isto os que tão precipitadamente dão, desde já, a Russia como vencida, prostrada, aniquilada.

Pôde ser que lá cheguemos. Por enquanto é cédo para o afirmar.

E nem por pensarmos assim deixamos de saudar no Japão, vivamente, o triumpho da sua cultura, da sua educação, da sua civilisação, e esse já nada haverá que o apague, já nada haverá que o desminta.

Mais o Japão é considerado pelos sábios uma raça inferior. Que faria se fosse superior!

A. B.

#### Fallecimentos

Faleceu no 16 do corrente, n'esta cidade, o antigo e acreditado negociante de fazendas, Antonio Cardoso de Azevedo, que aqui vivia desde creança.

Era muito estimado pela seriedade do seu caracter e pelas boas qualidades que o adornavam.

Em Lisboa também faleceu a esposa do sr. Alvaro da Rosa Lima, filho do sr. Angelo da Rosa Lima, industrial d'esta cidade.

O desolado moço tinha casado apenas ha um mez.

A todos os doridos os nossos sentimentos.

#### UM APPELO

DOS

#### EXILADOS NA SIBERIA

O comité revolucionario russo acaba de enviar ao proletariado de todo o mundo e particularmente ao italiano o seguinte appelo contra as atrocidades dos cossacos.

#### Companheiros proletarios

Nunca como n'este momento foi intensa e vigorosa a lucta dos revolucionarios russos contra o czarismo, e nunca como n'este momento o governo do autocrata respondeu com mais ferozes perseguições.

Por isto, companheiros, precisamos do vosso appoio.

Outras vezes, com a vossa attitud, prestastes valioso auxilio á nossa causa: e d'issó são exemplos eloquentes o vosso energico protesto contra a visita do Czar á Italia e o terdes impedido a extradição do companheiro Götz.

Desde ha um anno que as perseguições contra os condenados politicos na Siberia recrudesceram e aumentaram: o novo governador geral Kuitafoff excede em ferocidade todos os tyrannos que o teem precedido.

Aos velhos exilados impedi que travassem relações com os novos; cortou a permissão para todos os subsídios financeiros; acabou com os repatriamentos á custa do governo (o que para quasi todos transforma em perpetua a deportação); aos doentes não é facultado curarem-se; os attestados de doença representam quasi um privilégio; cerceam-se os alimentos nos hospitais, e nos tyicos recusa-se o pão alvo; pela mais leve desobediecia é um individuo transferido para os pontos mais excentricos e mais frios da Siberia. Ha dias foi a um exilado aumentada a pena em mais 5 annos por não ter querido desempenhar um serviço que lhe não competia.

A 31 de janeiro os que faziam parte d'uma leva de 27 exilados que passava em Ush Kust, tendo manifestado o desejo de verem os seus companheiros, foram ferozmente amarados, espancados e feridos. E depois foi-lhes recusada a admissão no hospital.

Este facto fez transbordar o calix da indignação. Os exilados de Sakutsa barricaram-se n'uma casa, clamando pela abolição das novas medidas repressivas.

O governador intimou os exilados a que saíssem, declarando que, se obedecessem, lhes seria concedida a impunidade; mas elles responderam que não sairiam se antes não fossem abolidas as novas medidas repressivas.

Então os cossacos cercaram a casa, injuriando os que n'ella se encontravam, fazendo fogo sobre elles e sobre a bandeira vermelha que tinham arvorada.

Os reclusos fizeram saber ao governador que, se os cossacos persistissem nas suas injurias e nas suas vio-

lências, fariam tambem fogo sobre elles.

Como resposta, os cossacos trataram de tomar de assalto a casa, que os revolucionarios tinham fortificado com saccos de terra e revestimentos de matto.

Assaltados, os revolucionarios dispararam, e dois soldados cahiram mortos. Começou então o bombardeamento da casa.

Os soldados, não podendo penetrar na casa, disparavam de longe; e os revolucionarios, com espingardas de pouco alcance, não podiam responder ao fogo d'elles.

Dois mil e quatrocentos tiros foram disparados contra os revolucionarios. Um companheiro morreu, e dois ficaram gravemente feridos.

Esta situação durou três dias, até que, a 20 de março, os revolucionarios privados de todos os recursos, tiveram que ceder.

Agora—a não ser os que jazem no hospital—estão todos no carcere para serem submetidos ao tribunal militar; e facil é prever a sorte que lhes destino o feroz governo do czar, se a vós poderosa e solidaria do proletariado internacional não souber fazer-se sentir e impôr-se.

Proletarios italianos, é este o momento em que a vossa voz deve erguer-se para evitar o projectado morticínio e dar um novo golpe no despotismo que tem as suas mais profundas raízes na Russia, mas que existe um pouco por toda a parte.

Ensina-nos a historia que assassinatos como os que esperam os amigos rebeldes que jazem nas prizões de Sakutsa têm sido evitados mercê dos protestos dos povos civilizados.

A Russia official—empenhada na guerra com o Japão—tem, agora mais do que nunca, medo da opinião publica.

#### Companheiros!

Protestai contra a ameaça d'este novo massacre, e não só salvareis do patíbulo 90 companheiros, que outro delicto não cometeram que não fosse o de terem querido libertar o povo escravizado e faminto, mas concorreis tambem para a obra nobilissima da emancipação do povo russo.

Amigos, o despotismo está já oscilante: ajudai a suprimi-lo, e tereis bem merecido a causa da civilização.

#### O comité revolucionario russo.

#### Tramways entre Aveiro e Porto

Do Porto para Aveiro e volta—Partidas: De S. Bento, de manhã 7-6; de tarde, 6-51. De Aveiro para S. Bento: De manhã, ás 3-55 e 10-15; de tarde, ás 4-4.

De Alfarelos para o Porto—Partida: De Alfarelos ás 2-7 da tarde; chegada a S. Bento 7-45 da tarde. Este tramway liga com o comboio da linha oeste, que sae da estação central do Rocio ás 7 horas da manhã.

Chamamos a atenção dos nossos leitores para o annuncio que a padaria Ferreira & Macedo publica na quarta página d'este jornal.

cia do que a sentença d'ellas escripta sobre areia. Verdadeiros crimes, dianeto do juiz incorruptivel, são aquelles de que o senso interior nos condemna.

Prolongou-se a pratica do hebreu. O padre não o ouvia. O elle parecia escutar era um cavo e muito intimo desfibrar-se-lhe o coração, este envelhecer e morrer que o homem está sentindo a branquear-lhe os cabellos e a resumir-lhe a face camarinhas de suor de agonia.

Depois despediu-se, e murmurou: — E adeus! que está consummado tudo!

— Ainda não: viverás mais annos, porque se não é desgraçado como tu és senão em toda a plenitude. Eu é que von sahir d'aqui. É noite fechada. Já não tenho n'este mundo sol que me derreta os gelos de setenta annos.

#### XX

#### Parecia christão na morte!

Vinte dias depois, correu nas aldeias circunpostas a Verdimilho, que o velho da ermida estava enfermo.

Abalaram os pobres dos seus cardenhos, e entraram quantos cabia na cabana do ancião. Os ricos tambem

#### A nossa carteira

Partiu para Luso, com sua familia, o sr. conselheiro Emygdio Navarro, director politico das «Novidades».

Estiveram sexta-feira n'esta cidade o sr. conselheiro Albano de Mello e seu filho o sr. dr. Manuel Homem de Mello.

Regressou do Porto o sr. José Jacintho de Souza Caldas, digno Delegado do Thesouro.

Tambem regressou de Braga, o sr. dr. José Soares Fayo de Azevedo, secretario geral d'este districto.

Passou na quarta-feira o anniversario natalicio do sr. João Jacintho Fernandes, bemquisto capitalista e um dos mais dedicados defensores da causa democratica.

Tem passado incomodado de saude, com um ataque de rheumatismo, o nosso amigo sr. Eduardo Alves Dias, bemquisto em Espinho.

Tambem seu irmão, o nosso prezado amigo sr. Vicente Alves Dias, passou uns dias ligeiramente incomodado.

A estes dois nossos amigos deseja-mos um rapido restabelecimento.

#### Mercado de Aveiro

Os preços dos generos porque correm no mercado d'esta cidade, são os seguintes:

Feijão branco.....	700
» encarnado.....	840
» manteiga.....	560
» amarelo.....	630
» misturado.....	540
» caraça.....	800
» frade.....	750
Milho branco.....	640
» amarelo.....	620
Trigo gallego.....	15060
» tremez.....	920
Cevada.....	620
Centeio.....	600
Batatas, 15 kilos.....	370
Ovos, duzia 140, milheiro...	15200

#### Conhecimentos úteis

##### SONHOS DE MORANGOS

Faça-se um polme de farinha de trigo, desfeita em cerveja ou em vinho branco, com uma gota de azeite ou um pingo de manteiga clarificada e sal; e ao tempo de servir, deitem-se-lhe duas ou trois claras de ovos bem batidas, passem-se por elles uns poucos de morangos e frijam-se em manteiga; sirvam-se quentes pulverizados com assucar.

##### Notas alegres

Um sargento reformado foi um dia visitar o hospital da Estrela. Acercau-se de uma das camas da enfermaria e perguntou ao doente:

— Então que tens tu, meu rapaz?

— Dizem que tenho uma febre typhoide, meu sargento...

— Oh, diabo! isso é sério. E o raio d'uma doença que, ou nos mata, ou nos deixa idiotas. Conheço-a muito bem; já a tive.

foram com os seus capelães, com os seus padres adscriptos á gleba das missas de requiem, com que mercavam barato o paraizo aos seus ascendentes.

O ancião viu uns e outros. Ergueu a cabeça e disse:

— Que entrem sómente os pobres. O espectáculo de um moribundo não convinha.

Os pobres, pois, ajoelharam em duas alas, defronte da parede a que se encostava uma barra de bancos, e cada um dizia em silêncio as suas orações.

A porta da cabana estava de par em par aberta. O sol da tarde doirava a poeira do interior. A fita luminosa, que ia inclinada em scintillas alumiar a fronte do enfermo, vinha com direção obliqua e coada por uma abertura do colmo. Os pobres viam n'aquelle raio de pô lucido coisa misteriosa de bonissimo agouro para a alma do doente.

Appareceu então no limiar da porta um sacerdote, que a gente d'aqueles aldeias venerava como medico do corpo e do espírito. Era o padre Braz de Abreu.

(Continua.)

#### FOLHETIM

CAMILO CASTELLO BRANCO

#### O OLHO DE VIDRO

(Romance historico)

XIX

#### O velho da ermida

— Salvar-se-iam? Encaminhava-se a qualquer providencia que eu desconfiego?...

— Roubaram-m'as!

E o padre, guardando silencio por alguns minutos, continuou com intermitentes de gemidos e ancias offegantes:

— Perdi-as... e perderam-se... Pois que nome tem isto senão é prostituição?... A justiça lançará mão d'ellas... e d'elles...

— D'elles quem?—atalhou o israelita.

